

**CENTRAL DO BRASIL:  
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA**

*Gabriel Alves da Silva* (UEMASUL)

[gabralviz@gmail.com](mailto:gabralviz@gmail.com)

*Kayron Kaic da Silva Sousa* (UEMASUL)

[kayronnkaic@gmail.com](mailto:kayronnkaic@gmail.com)

*Inácia Neta Brilhante de Sousa* (UEMASUL)

[profinacia@hotmail.com](mailto:profinacia@hotmail.com)

**RESUMO**

“Central do Brasil”, filme de 1998, dirigido por Walter Sales e escrito por João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein, é considerado por muitos críticos como uma obra grande e clássica prima do cinema nacional e esta carrega em si muitas questões sociais que eram comuns para o período em que se passa o filme, mas também na contemporaneidade, visto que é notório que tal obra, com o passar do tempo, envelheceu muito bem de modo que se tornou atemporal. Dessa forma, a presente pesquisa tem o fito de focar-se na linguagem presente na obra fílmica, a qual fica evidente desde o início do filme seja pela profissão da personagem protagonista, que trabalha escrevendo cartas para pessoas analfabetas, seja pela estrutura da fala dos protagonistas e demais personagens. A partir disso, objetiva-se, por meio da análise das personagens que compõem a obra e de suas respectivas falas, que as constroem como ser social, ou seja, o mais próximo da realidade humana e, assim, brasileira, observar os elementos que se correlacionam e possibilitam uma percepção da linguística social ou sociolinguística na construção do saber social e do dia a dia. Portanto, nota-se que os elementos da fala das personagens, as quais se aproximam daquilo que se pode ver no dia a dia do povo brasileiro, levam em conta as variações, no intuito de mostrar que o objetivo da fala, por meio das construções das sentenças escolhidas durante o filme, que é a interação social entre as pessoas, foi alcançado.

**Palavras-chave:**

Sociolinguística. “Central do Brasil”. Cinema e linguagem.

**ABSTRACT**

“Central do Brasil”, a 1998 film, directed by Walter Sales and written by João Emanuel Carneiro and Marcos Bernstein. Some films reviews considered it as a great and masterpiece work from national cinema and it brings many social issues that commonly happened in those days, and those issues that happens nowadays, because the cinema work along the years became timeless. Therefore, the current study stares at focus on the language used in this film since the beginning where shows a letters writer as protagonist that write to illiterate people until speech structure chosen by the protagonists and the others characters. From that, there is the objective, by means of character analysis that make up the work and of their respective lines, that make it how a social being, in the other words, the closest to human reality, and, thus, Brazilian, observe the elements that correlate and enable a perception of the social linguistics or

sociolinguistics in the construction of social knowledge and of everyday life. Expected, therefore, note elements of the character lines that approach what you can see in the daily life of the Brazilian people, taking into consideration the variations, aiming at to show that speech reached his purpose that is the social interaction between people, by means of sentences constructions chosen during the movie.

**Keywords:**

Sociolinguistic. “Central do Brasil”. Cinema and language.

## ***1. Introdução***

Desde o início da Linguística definida por Saussure, a língua (gem) ficou concebida como algo a parte da sociedade. Entretanto, partindo do pressuposto de que o homem está inserido no meio social e que está suscetível as mudanças da sociedade, essa concepção foi questionada, pois Cavalcante (2011, p. 243) afirma que “Entre sociedade e língua não há uma relação de mera casualidade.”, ou seja, a língua e a sociedade estão intrinsecamente ligadas entre si.

Nessa abordagem do ser social com a língua, surgiu a Sociolinguística, primeira vez citada nos textos de Havier C. Currier (±1919), “para consolidar a aproximação dos povos com o conhecimento da comunidade onde viviam [...]”, conforme afirma Cavalcante (2011, p. 243).

A presente pesquisa, assim, interpreta a Sociolinguística como o meio de aproximação dos diferentes níveis de língua com a sociedade, apoiada na base histórica que faz crer que a Linguística Social teve sua origem de forma a questionar aquilo que a Linguística Moderna havia postulado sobre o seu objeto de estudo e aquilo que considerava como importante, como o que diz Coelho (2012, p. 14) sobre como tecem a língua a “uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais” dentre outras dicotomias.

Ademais, serão amplamente utilizados os ideais propostos pela Sociolinguística Laboviana, que abarca teóricos importantíssimos, como Meillet, Bakhtin e Marr, para analisar elementos da linguagem retirados da obra fílmica “Central do Brasil” que aludam ao tema e se refiram à Linguística Social.

Assim, buscou-se verificar a presença de elementos nas falas das personagens que pudessem servir de estudo e comprovação voltados à modalidade oral da língua portuguesa, analisando-a nas perspectivas diatópicas, aquelas “distribuídas no espaço físico” (CAVALCANTE, 2011, p. 248) e diastráticas, aquelas no “conjunto de fatores que têm a ver com

a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.” (CAVALCANTE, 2011, p. 249). Portanto, a metodologia abordada neste trabalho, foi descritivo exploratório.

Dessa maneira, todas as observações feitas e apresentadas a partir das obras e fora das obras – não tiveram o objetivo de identificar quais estavam certas ou erradas, nem mesmo em nível comparativo. Por isso, realizou-se esse trabalho, para mostrar que, mesmo diante das diferenças de expressões e formações de sentenças observadas no filme e que refletem no dia a dia os usuários, houve entre os personagens a interação social, função essencial atribuída à linguagem.

## **2. O Histórico Teórico da Sociolinguística**

A Linguística moderna é o marco inicial dessa caminhada pela história da Sociolinguística, uma vez que a linguística, com o viés científico, só teve sua visibilidade com os estudos de Saussure, como afirma Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 13), que inaugurou “a linguística moderna, delimitando e definindo seu objeto de estudo, estabelecendo seus princípios gerais e seu método de abordagem”.

Assim, segundo Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 13), ele deu início ao que se entende como o marco inicial, o Estruturalismo, uma teoria Linguística que tem por seu único objetivo a língua por ela mesma. Além, Saussure afirmava que a língua devia ser estudada fora dos fatores externos e considerada como algo por si mesma, como afirma Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 13) “[...] língua (i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; [...]”.

Com os avanços dos estudos, em 1960, Chomsky proporcionou uma nova corrente de estudos baseada na “formação de sentenças gramaticais” (LEHMKUHL *et al.*, 2012, p. 14). Esse nova percepção da linguagem ficou conhecida como Gerativismo, teoria que enfatiza a competência conceber a linguagem desde a mais tenra idade.

Entretanto essas correntes não levavam em conta o social, assim, surgiram outras visões que concebiam a linguagem com a sua relação a fatos históricos e sociais, como Meillet, Bakhtin e Marr. Meillet postulava que “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (MEILLET, 1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16), assim os fatores sociais, determinam a lin-

guística como algo social e, assim, passível de modificações e variações.

Além de Meillet (1921), Marr, linguista soviético do século XX, acrescentava que as línguas derivavam de uma mesma língua e essas mesmas línguas tem caráter social porque refletem as lutas sociais de classes e possuem poder. Segundo Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 16), para o marxista “(iii) as línguas são parte de uma superestrutura, passando por estágios de desenvolvimento de acordo com a base econômica de diferentes sociedades [...]”. Entretanto, não foi levado em conta essa visão pelo regime de Stalin.

Outro forte expoente foi Bakhtin que teve a visão social da língua baseada na interação social, consonante a isso, afirma Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 16) “defendendo um enfoque da língua na interação verbal historicamente contextualizada (seja num contexto imediato, seja num contexto social mais amplo).” Assim, concordava que a língua sofre mudanças e que essas são intrinsecamente ligadas às questões sociais de interação.

Posto isso, a Sociolinguística veio a germinar a partir dessas concepções, pois foram, principalmente, as concepções de Meillet (1921), da língua e sua dinâmica social, que em 1960 ganhou força o movimento, nos Estados Unidos da América, conhecido como Sociolinguística laboviana, porque teve como expoente William Labov (1960) com sua Teoria da Variação Mudança Linguística.

Ademais, Labov com sua teoria propôs uma análise da língua a partir das mudanças e do contexto social. Contra Saussure, Labov questionava e se posicionava a favor da união e associação da *langue* com a *parole* e da sincronia com a diacronia e também o fato de a língua não ser considerada no seu social.

Além disso, quanto a Chomsky, Labov criticava o fato de dizer que a comunidade de fala, deveria ser homogênea e existia um falante ideal, como afirma Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 22) “pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado.”. Assim, propunha a heterogeneidade das comunidades de fala e que os falantes variavam.

Nesses princípios, é válido notar uma fala de Labov sobre o que o levou a pesar dessa forma, a fala foi tirada de uma entrevista concedida à Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL (2007), traduzida por Gabriel de Ávila Othero:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Quando eu comecei a entrevistar pessoas e gravar suas falas, descobri que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo com que a teoria padrão não estava preparada para lidar. As ferramentas para estudar a variação e a mudança sincrônica surgiram dessa situação. (LABOV. In: ReVEL (2007, p. 1)

Ainda na mesma entrevista (2007, p. 2), Labov reafirma que a postura da Teoria da Variação: “É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana.”. Portanto, como forma de definir o que postula Labov em sua teoria, partindo do que criticava, Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 22) diz que é a presença do componente social e a ligação entre estruturação e evolução de uma língua dentro de uma comunidade de fala.

### **3. *A Sociolinguística no Brasil***

Não é de hoje que a realidade histórica e social da linguística brasileira atrai os olhares de inúmeros teóricos em todo o mundo. Isso se deve ao fato de que a língua portuguesa do Brasil (PB) na sua caracterização e no seu processo de formação assumiu um papel, o qual foi obtido pelo contato com o Português de Portugal (PP), as línguas indígenas e africanas e, posteriormente, ainda outras; que culminou nessa língua cheia de variações, a qual é um riquíssimo objeto de estudo para a linguística.

Nesse contexto, há uma realidade linguística chamada de plurilinguismo, que diz respeito aos países que, na formação de sua língua, tiveram o contato com outras línguas, fato que propicia uma inserção de termos de diversas comunidades linguísticas que se superpõem ininterruptamente. Sobre isso, Louis-Jean Calvet (1993, p. 27) afirma que o plurilinguismo faz com que as línguas estejam em constante contato, sendo que o lugar de tais contatos pode ser em relação ao indivíduo ou a comunidade, sendo esse contato o objeto de estudo da sociolinguística.

Dessa maneira, assim como em todo o mundo, o Brasil também passou pelo processo de contato e para compreender a formação da língua portuguesa brasileira é inescusável que se tenha em mente o fato de que o processo de colonização desse país tem notória influência no modo como foi encerrada a língua em questão. Assim sendo, a caracterização do período de colonização no Brasil pode ser descrita sumariamente da seguinte forma:

[...] temos, de um lado, os pequenos centros urbanos, onde se situavam os órgãos da administração colonial, sobre forte influência cultural e lin-

guística da metrópole. A elite colonial era bastante zelosa dos valores europeus, buscando assimilar e preservar ao máximo [...]. Esse caráter conservador e a influência dos padrões europeus sobre o antecedente histórico da variedade culta do português brasileiro perdurará até depois de proclamada a Independência. (LUCCHESI, 2001, p. 102)

Com isso, é possível retomar como era ensinada a língua portuguesa brasileira até depois da Proclamação da Independência e, também, a forma precipitada como as pessoas eram subordinadas a aprender. Nesse período surgiu a “academia onde se aprende o bom falar”, cujo principal objetivo era ensinar o uso tido como correto da língua portuguesa brasileira, essa ainda marcada pela influência europeia, não obstante, a sociedade se constituía de forma plural no que concerne às línguas que se tinham contato e à cultura em termos gerais.

No processo de colonização do país, os portugueses iam morar com as indígenas e passaram a ter filhos mestiços nesse processo de miscigenação, a língua tupi acabou sumindo aos poucos e dando espaço à língua geral, que era uma mistura entre a língua dos indígenas e a dos portugueses. Teyssier (1997, p. 94-5) *apud* Burgos e Alves (2018, p. 368), falando sobre o Padre Antônio Vieira disse que “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola [...]”.

Outra vertente da língua portuguesa brasileira era formada no interior do país pelas pessoas que buscavam o afastamento do centro e da influência europeia. Com isso, essa supracitada população obteve o aprendizado de uma forma mais deficiente, conforme afirma Lucchese (2001, p. 102) quando escreve que por outro lado a língua portuguesa foi sendo adquirida em uma situação precária pelos escravos que preferiam comunicar-se entre si com uma língua franca africana. Desse modo, nos três primeiros séculos do Brasil, a língua portuguesa disseminou-se no bojo da população pobre, indígena e africana.

Pela extensa área territorial nacional, há a presença de muitas variações linguísticas. A isso, Salomão (2011) declarou que

Pela extensão geográfica do Brasil, é de se imaginar que coexistam diferentes dialetos regionais: o falar carioca é claramente diferente do falar gaúcho ou paulista, ou do nordestino (todos apresentando também diversidades, ou seja, não são blocos homogêneos). Dentro das comunidades existem também diferenças entre as várias faixas da população: entre pessoas de várias classes sociais ou níveis de renda e de escolaridade, en-

Dessa maneira, toma-se nota de que há inúmeros fatores que corroboram para as diferenças linguísticas nas distintas áreas do país. Com relação a isso, Lucchesi (2001, p. 105) aponta que se pode perceber no imenso processo de ocupação geográfica, o qual determinou a unidade linguística do Brasil, como foi precário o aprendizado do português pelos escravos e, por conseguinte, pelos mestiços e pelos povos descendentes destes.

Em contrapartida, após o período da Independência, o nacionalismo da língua portuguesa e o desejo de viver em uma nação independente começam a dar seus primeiros sinais, de modo que a língua foi, aos poucos, libertando-se dos padrões impostos pela elite europeia e caminhando para tornar-se o que hoje o é: o produto de uma linguagem livre e plural.

Consequentemente, a língua portuguesa brasileira afastou-se significativamente da norma culta, construindo uma linguagem mais cotidiana. Lucchesi (2001, p. 107) aponta que:

O Brasil é um país eminentemente urbano, cujas grandes metrópoles exercem uma profunda e extensa influência sobre as demais regiões. Essa influência cultural e linguística passa pela enorme expansão da malha rodoviária, pelo vertiginoso desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e pela massificação do ensino básico, em que pese toda a precariedade do sistema de educação pública. (LUCCHESI, 2001, p. 107)

Essa é a configuração da mudança do português da norma culta para o português popular que atinge as classes mais abastadas da sociedade por meio de inúmeros veículos de informação e tornando a linguagem da população mais irregular.

Ademais, é válido destacar que tanto pela sua história de formação quanto pela sociedade como língua, muitos estudos filológicos e linguísticos foram realizados. Assim sendo, é notório ressaltar que, segundo Lehmkuhl *et al.* (2012, p. 23), “no Brasil, as pesquisas na área da Sociolinguística laboviana tiveram início na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970, sob a orientação do professor Anthony Naro”. Unido a isso, Naro orientou um movimento pela educação de jovens e adultos, MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização – que foi um dos motores para o início dos estudos sociolinguísticos no Brasil. Com isso, para atender a proposta do MOBREAL, Raquel Meister (2016, p. 452) conta que Anthony Naro tomou a seguinte medida:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

[...] Miriam Lemle o procurou para articularem a proposta sob encomenda do Mobral que tinha que cumprir dois requisitos: ser pesquisa e ter o uso do computador. Naro disse que sabia o que fazer, pois tinha assistido anteriormente a uma palestra de Labov, em Chicago; entrou então em contato com ele, que indicou Gregory Guy, que veio ao Brasil realizar coleta de dados e trazer os programas computacionais para o projeto. E assim a sociolinguística variacionista se torna uma linha de pesquisa no Brasil. Não foi algo planejado; foi, segundo Naro, um “conjunto de circunstâncias” (e interesses) que levou a este empreendimento. (NARO *apud* MEISTER, 2016, p. 452)

Assim sendo, se tem, com Gregory Guy, a instauração no Brasil da Sociolinguística de orientação variacionista, a qual possibilitou numerosos estudos e avanços no que concerne ao conhecimento da língua portuguesa brasileira e seu uso pelos mais diversificados falantes.

Por conseguinte, o projeto pioneiro que adotou tais aspectos metodológicos foi o Peul – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – coordenado por Naro e que tinha o objetivo de estudar como era falado o Português no Rio de Janeiro. O referido projeto foi replicado pelo Varsul – Projeto Variação Linguística da Região Sul do Brasil.

A partir de 1969, após surgirem discussões em um grupo de estudos linguísticos de norma urbana culta, surge o grupo NURC – Projeto de estudos linguísticos de norma urbana culta, por meio dele muitos outros pesquisadores despertaram para o que viria a ser o estudo aprofundado da sociolinguística da língua portuguesa brasileira. No entanto, ainda se buscava uma representação dos estudos linguísticos de norma urbana não culta. Assim sendo, surgiu o Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro que tinha por finalidade contemplar o estudo da norma urbana não culta. Todos esses projetos trabalhavam com o uso de coletas relacionadas à fala e a utilização de bancos de dados linguísticos. Meister (2016) comenta que eles:

[...] trouxeram subsídios para a descrição do português brasileiro, com a padronização da amostragem e coleta de dados, que permite, de certa forma, a comparação de resultados e, assim, traz contribuições para uma norma brasileira, com descrições sociolinguísticas em interface teórica tanto com abordagens formais [...], como com abordagens funcionais [...]. (MEISTER, 2016, p. 253)

Além disso, sobre os rumos da sociolinguística variacionista é necessário apontar que isso só foi possível por meio dos projetos anteriormente citados e dos programas de pós-graduação. Acerca disso é comentado que “A década de 1970 viu um salto no número de programas de pós-graduação no Brasil: em 1965, eram 27 programas de mestrado e 11



de doutorado; em 1975, eram 429 programas de mestrado e 149 de doutorado” (BALBACHEVSKY 2005 *apud* MEISTER 2016, p. 454).

Por meio dessa retomada histórica é concebível observar os avanços dessa área de pesquisa que possui uma vasta contribuição para os estudos linguísticos do português brasileiro. Mas o que é a sociolinguística no Brasil atualmente? Sobre esses questionamentos, Mota e Silva (2019, p. 27) comentam que,

[...] é possível afirmar que os estudos que tomam a variação e a mudança linguísticas como cerne de suas observações firmam-se para além da possibilidade variacionista. A Sociolinguística, atualmente, é um terreno fértil no qual são cultivadas diferentes orientações de pesquisa. (MOTA; SILVA, 2019, p. 27)

Isso posto, fica evidente a abrangência e riqueza do estudo supracitado, aguçando o desejo dos pesquisadores em utilizar os conhecimentos sociolinguísticos em análises diversas com destaque para as falas dos personagens do filme *Central do Brasil*.

#### **4. Análise sociolinguística de *Central do Brasil***

A partir do que foi visto anteriormente, a Sociolinguística interessou em estudar a língua falada, coisa que a Linguística, no início, não estudou muito. Assim, como afirma Travaglia em um entrevista concedida à Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura – Letra Magna (2005), “O interesse por uma descrição específica da língua falada só surgiu nas últimas décadas. Parece-me que os primeiros trabalhos se devem à Sociolinguística Variacionista”, confirmando aquilo que foi explanado nos tópicos anteriores.

Assim, é na língua falada que o trabalho se pautará, visto que na obra filmática em questão a predominância são das falas das personagens. Portanto, procurou-se analisar as falas, o mais preciso possível, buscando elementos das variações linguísticas comumente discutidas, ora comparando com outros termos fora do filme, mas do dia a dia da sociedade brasileira, ora pautando nas próprias falas das personagens para comparar e descrever as tais variações.

Ademais, é válido notar que haverá momentos em que a variação vai ser na estrutura da palavra ou da sentença, e em outros momentos serão observados as variações na parte fonética.

#### **4.1. Variações linguísticas das personagens de “Central do Brasil”**

A obra filmática *Central do Brasil* que encerra em si a capacidade de discutir a linguagem e a escolaridade do povo brasileiro de uma forma muito sutil e, por vezes, quase imperceptível, demonstra, desde a primeira cena, esse diálogo ao colocar como protagonista da história uma professora aposentada que, para aumentar sua renda, escreve cartas para pessoas que não sabem escrever. Ela, que de início se mostra apenas uma redatora, aos poucos demonstra que, na realidade, é a senhora das palavras.

Por meio de Dora, as pessoas comunicam-se e ela, em uma cena emblemática com sua amiga Irene interpretada por Marília Pêra, toma para si a decisão de quais cartas enviará, escolhendo, então, não somente as palavras que serão escritas, mas, também, as que serão recebidas.

É nesse contexto que a história mostrada perpassa diversas falas e linguagens abordando a pluralidade brasileira em suas singularidades. Dessa forma, o telespectador pode participar da jornada de uma professora aposentada que trabalha escrevendo cartas e um garoto órfão de mãe que nem sequer sabe escrever. Com as personagens protagonistas, quem assiste pode livremente passear dentro da riquíssima cultura do Brasil e contemplar as múltiplas linguagens desse povo.

##### **4.1.1. Relacionadas à fonética**

Já na primeira cena, Dora exerce o seu ofício e, diante dela, várias pessoas se sentam para que ela escreva suas cartas. Nessa cena em questão, tem-se a presença de diversos sotaques e pronúncias, como, por exemplo, na palavra “*pediu*” da frase de Dona Ana, mãe de Josué, “Jesus, você foi a pior coisa [...] porque teu filho, Josué, me pediu [...] mas mesmo [...] na ideia que quer te conhecer, [...] Bom Jesus do Norte” em que o som não é [pedʒiu ], mas [pidiu ], como de um pernambucano, a mesma coisa acontece com a palavra “te” pronunciada como [ti] ou em “Norte” a qual o som do “e” é semelhante ao “i” de um pernambucano, [norti].

Nos casos acima ocorreram, principalmente variações diatópicas, visto que há a forma de pronunciar mais característico de Pernambuco como mostrado. Nessa mesma cena do início, o idoso pronuncia a palavra “enganou” de uma forma que soa “*inganô*” [ĩgano]. Aqui é observável o caso das diastráticas, uma vez que o idoso aparenta possuir um grau

de escolaridade baixo ou até mesmo questões socioeconômicas. Não querendo citar que exista uma mais correta, mas que pessoas com grau de escolarização mais elevado ou de melhor condição socioeconômico falaria[m] [ẽganow]. Outra razão, é a de que ele vai ao encontro de Dora para pedir-lhe que escreva a carta por ele, o que sugere que ele não sabe escrever.

Outro momento, foi quando a amiga de Dora, Irene, fala a seguinte frase quando está lendo a carta que Dora escreve de Ana: “[...] pôs na ideia que quer te conhecer” quando pronuncia [tzi] diferente de Ana, como observado acima. Assim aqui se observa as diatópicas, pois Ana é de Pernambuco e Irene, assim como Dora, do Rio de Janeiro.

Dora vai ao encontro do menino Josué, logo após este perder sua mãe, e começa a conversar com ele. Respondendo à Dora, ele fala: “Ah! deixa um pouquinho de dinheiro para eu comer.”, entretanto na hora de falar a parte “para eu comer”, o garoto se utiliza dos seguintes sons: [pae ukume]. Aqui é observado o fator faixa etária, pois o menino ainda é muito jovem, o que indica a variação diastrática.

Em um outro momento, quando Dora já está em Pernambuco escrevendo cartas de outras pessoas, um homem pede a ela que escreva a seguinte frase: “[...] já posso ser o homem mais feliz do mundo”, porém o homem pronunciou as palavras homem como [omi] e feliz como [filis]. Aqui o que mais ocorre é a variação diastráticas, pois o homem apresenta o fator escolaridade, porque ele vai ao encontro de Dora para pedir que ela escreva a carta a ele.

Outro momento no qual se pode notar as diastráticas, é quando o menino Josué vira para sua mãe e fala: “mas, mãe, como é que você sabe?” e pronuncia “mas” como [mar], visto que o menino é novo, e ainda não possui alto grau de escolaridade, até mesmo pela idade. O mesmo menino, outrora, fala à Dora pedindo a ela que escreva uma carta para seu pai: “eu ‘to’ mandando” e aqui se observa a variação na pronúncia de [to] e [mãdãnu], o que seria de caráter diastrático, pela faixa etária e, consequentemente, pela escolaridade.

Em uma situação posterior, ocorrida quando Isaías, irmão mais velho de Josué, fala a expressão: “eu faço [kuestãw] (questão)”, aqui se observa uma diastrática, uma vez que a situação socioeconômica explicada pela própria personagem não é muito boa e, consequentemente não possui um grau elevado de escolaridade.

#### **4.1.2. Relacionadas à estrutura da sentença**

Quanto à estrutura da sentença e à escolha dos termos que a compõe, tem um momento em que fica nítida as diferenças das formas de tratamento para se referir a alguém especial. Quando uma mulher adulta pede que se escreva “meu querido” e um jovem pede que se escreva “meu tesão”, o que causa, inclusive, um certo espanto em Dora, para se referir às pessoas com as quais cada um deles se relaciona. A isso, as variações diastráticas dão explicação pela escolha das expressões de tratamento de que há uma diferença de idades entre ambos.

Há, até mesmo um fato único no filme, quando Ana usa a seguinte construção “uns tempo” para que Dora escrevesse na carta, e é corrigida por Dora para “Uns tempos”. O que causa certo espanto em Ana. Acontecimento que mostra a diferença entre os níveis de escolaridades, ou seja, se encaixa nas variações diastráticas.

Nessa mesma perspectiva da não-pluralização, Josué quando chega na casa de Dora e pergunta a ela “e os seus filho?”. A essa dá-se o nome de variação diastrática, pois Josué pela sua idade, como referido acima em outros pontos, não possui um elevado grau de escolaridade.

No intuito de mostrar que não depende somente da idade, o caminhoneiro que dá carona aos dois protagonistas, fala o seguinte, no restaurante, “traz três refeição, e pra mim, água.” Essa sentença seria de outra forma caso proferida por alguém com formação acadêmica. Falaria, por exemplo, “traz três refeições...” dando a concordância entre o artigo e o substantivo, mas mesmo assim, no caso do caminhoneiro ele estabeleceu a comunicação e mais, a interação com a garçoneite.

Em uma outra parte, dona Dora que outrora corrigira, usa do modo informal da fala para conversar com o menino Josué que tinha perdido a mãe. O sucedido é seguinte, Dora fala “*cê* num tá com fome?”, construção que, de acordo com a gramática normativa, estaria “correta” – leia-se “o que a norma pede” – caso fosse expressa da seguinte forma “você não está com fome?”. Aqui está muito evidente a capacidade social que a linguística possui, ao possibilitar tais variações dependendo dos contextos, sendo o mesmo falante.

Ademais, Josué, em outro momento, escolhe pela expressão “escrevedora de cartas” ao invés de escritora de cartas, pois, seguindo a lógica do radical da palavra que seria “escrev”, o mesmo supõe que o nome dado a quem escreve é “escrevedora”. Nisso, é possível notar, mais uma

vez o caráter diastrático, pois, infere-se que Josué utiliza tal expressão pela falta de conhecimento escolar.

Em um outro episódio, apresentado na obra cinematográfica, é a do romeiro no pau de arara falando com Dora e Josué e, ao perguntar pela idade do menino, ao invés de usar o que normalmente se usa “quantos anos tem o menino?”, usou a expressão de caráter nordestino “tá com quantos caju?”. Aqui a escolha pela expressão evidencia uma variação diatópica.

Nessa mesma relação de escolhas, Josué, ao se referir à maquiagem, utiliza-se da expressão “pintura na cara”, mostrando claramente a preferência por esta do que por aquela, provavelmente, pelo ambiente nordestino no qual nasceu, revelando o caráter diatópico em sua fala.

Mais um outro exemplo de construção de sentença marcada pelo grau de escolaridade e faixa etária ocorre quando Josué, ao falar para Dora que não quer se esquecer dela, diz-lhe o seguinte: “eu não quero se esquecer de você”, algo até mesmo que pode passar despercebido, mas o uso do pronome “se” ao invés do “me” evidencia a característica diastrática na fala.

Na primeira cena se tem ainda expressões como “[...] o menino pôs na ideia que quer te conhecer”, frase que poderia ter sido dita como “O menino insiste em te conhecer”, possivelmente pela ocasião de Ana possuir um baixo grau de instrução, caracterizando assim a variação diastrática.

No intuito de observar que a constituição de diastrática não equivale necessariamente a um baixo grau de formação, tendo em vista que possuem uma formação escolar mais elevada pode adequar sua fala a partir do contexto, como a construção que Dora usa para falar com o menino: “cê não gosta de totó?”. Aqui ela poderia ter falado “você”, mas preferiu, naquela situação informal, utilizar-se da outra forma. Nessa mesma frase há outro elemento rico em análise, como o uso de Totó, que em outras é reconhecida como futebol de mesa, pebolim, pimbolim, etc., mostrando assim a diferença entres as regiões do Brasil, sendo assim, diatópica.

Para salientar que o propósito das observações não possui nenhuma relação com o preconceito linguístico é a de que em todos os casos há aquilo que Bakhtin fala “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...] mas pelo fenô-

meno social da interação verbal” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.125 *apud* POLATO, NUNES, 2013, p. 2), *i.é.*, ocorre o processo de interação entre os usuários pelo uso da língua concretizada na fala, mesmo as falas não sendo consideradas plenamente corretas pela maioria.

## **5. Considerações finais**

Nesse artigo, foi discorrido acerca de duas temáticas ousadas e sedutoras. Trabalhando assim, no decorrer dessa pesquisa com a linguagem filmática e a linguagem sociolinguística, unindo-as em uma proposta que já era considerada essencial antes mesmo do seu início propriamente dito. O término de tal pesquisa não sinaliza um fim, uma conclusão ou, até mesmo, o máximo que poderia ser obtido do objeto de pesquisa sob o enfoque aqui operado. Não obstante, estabelece um novo caminho a ser trilhado. Uma nova perspectiva de seguir adiante e de dar continuidade a algo tão rico e que acompanha em si tão envolvente conhecimento.

Constata-se, portanto, que há legitimidade na ousada proposta que essa pesquisa apresentou, cumprindo, assim, o que havia projetado no que diz respeito a realizar um levantamento de dados concernentes às teorias sociolinguísticas e, seguidamente, estudá-las, expô-las, contrapô-las e aplicá-las à obra filmática “Central do Brasil”, de modo a abordar esse clássico do cinema nacional sob a perspectiva Sociolinguística. Ainda, é possível observar a riqueza de linguagens presentes na obra que aqui serve como objeto de estudo, tendo em vista que ela permite observar a pluralidade existente na língua portuguesa brasileira.

No decorrer do estudo aqui empreendido, compreendeu-se acerca da profusão de linguagens presentes dentro do Brasil e da urgente necessidade da abordagem sociolinguística sobre elas. A partir desse entendimento, vislumbra-se a contribuição atribuída ao estudo das linguagens, desvencilhando-se dos paradigmas, da elitização da norma culta, da estigmatização da língua que apresenta variantes e que se distancia da linguagem tida por padrão. Enfim, a Sociolinguística é a ciência que luta contra o preconceito que fere a língua.

A realidade é que, ao escolher se debruçar sobre esse estudo, os pesquisadores não se tinham consciência de sua abrangência e de aspectos que tratam de um universo de possibilidades de estudos, olhares, análises que merecem uma atenção especial e um generoso tempo dedicado

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

a contemplar esse universo relativamente novo. A abordagem de uma obra filmática, à luz do que foi proposto, tornou-se um desafio gigantesco por se tratar de assuntos extremamente ricos, no entanto, tornou-se também agudamente empolgante.

Com o intento de mostrar um viés ainda mais dinâmico e acessível, buscou-se realizar tal exploração com o filme “Central do Brasil” e, desse modo, apresentar, de uma forma mais intimista, as teorias sociolinguísticas, esclarecendo e comprovando que existe a possibilidade de trabalhá-las de uma forma atrativa e presente nas mais diversas realidades da língua portuguesa brasileira falada diariamente.

Dessa forma, não se pode discorrer acerca da sociolinguística sem citar e se utilizar dos estudos de William Labov, o qual produziu muitos materiais que auxiliaram e auxiliam, ainda hoje, os pesquisadores e interessados nessa área da Linguística. Com os estudos de Labov, mas também de muitos outros teóricos, foi possível aprofundar-se com mais eficácia nesse universo linguístico que, para quem tem um primeiro contato, pode parecer de uma dificuldade colossal, mas que, aos poucos, vai sendo desmitificado e tornando-se prazeroso.

Depois de desfiar um pouco mais esse estudo, supõe-se ter comprovado, com tal pesquisa, o quanto há dos traços da fala a serem explorados em uma perspectiva sociolinguística, na obra dirigida por Walter Salles e o quanto é possível tomar nota de que a área de pesquisa, aqui trabalhada, está viva e latente no dia a dia da população brasileira, necessitando destacar a linguagem genuinamente brasileira para ser cada vez mais valorizada no universo acadêmico, quebrando o paradigma do preconceito linguístico.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVET, L. *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2002. 160p. (Na ponta da língua; 4)

CAVALCANTE, M. C. B. Sociolinguística. In: Faria, E. M. B. de; Cavalcante, M. C. B. (Org.). *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas* vol. 3, 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2011. p. 239-81

*CENTRAL do Brasil*. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de; *Sociolinguística*. UFSC. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p. Disponível em: [http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf). Acesso em: 28 out 2019.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, V. 58, n. 3, p. 445-60, 19 dez. 2016.

LABOV, W. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. In: *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 29 out. 2019.

LUCCHESI, D. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). In: *DELTA*, São Paulo, V. 17, n. 1, p. 97-130, 2001. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010244502001000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000100005&lng=en&nrm=iso). Acesso: em 28 de outubro de 2019.

MODESTO, A. *Entrevista com Luiz Carlos Travaglia*: Os Avanços Nos Estudos Da Língua Falada. Março, 2005. Disponível em: [letramagna.com/travagliaentre.htm](http://letramagna.com/travagliaentre.htm). Acesso em: 28 out 2019.

MOTA, J. A., SILVA, A. dos R. Sociolinguística, uma disciplina histórica: retrospectiva, desenvolvimentos e aplicações. In: *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, V. 8., n. 2., 2019, p. 11-35. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1911/1400>. Acesso em: 29 out 2019.

POLATO, A. D. M.; NUNES, G. A. *Análise linguística como alternativa pedagógica*: uma reflexão a partir do trabalho com o gênero notícia. E-NIEDUC, UNESPAR/FECILCAM – Campus de Campo Mourão-PR, 2013, 13 p. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/anais/v\\_enieduc/data/uploads/letras/trabscompletos/let017048299502.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/letras/trabscompletos/let017048299502.pdf). Acesso em: 29 out 2009.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: Panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. In: *Fórum Linguístico*, Florianópolis, V. 8, n. 2, p. 187-207, abr. 2012. ISSN 1984-8412. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fo>



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

rum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 31 out. 2019.